

**ENTREVISTA:
ÉRICO ASSIS, TRADUTOR DE QUADRINHOS**

Guilherme da Silva Braga
CETAPS/Nova

Érico Assis¹ é tradutor, jornalista e pesquisador brasileiro. Como tradutor de quadrinhos e literatura, trabalha a partir do inglês e do francês e colabora com as editoras Companhia das Letras, Panini, Darkside e outras. Como jornalista, é crítico de HQ (história em quadrinhos) na *Folha de S. Paulo*, em *O Globo* e na revista *451* e colunista nos *websites Omelete* e *Blog da Companhia*. Além disso, mantém o *podcast Notas dos Tradutores* junto com Mario Luiz C. Barroso e Carlos Rutz e, esporadicamente, o *website A Pilha*. É doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina e autor do livro *Balões de pensamento*.

Érico, de que forma começou a sua relação com os quadrinhos, e como você passou de leitor a tradutor?

Leio quadrinhos desde antes de saber ler. Tenho gibis na minha mão desde que eu tenho memórias. Comecei pelos super-heróis – Homem-Aranha, Super-Homem, Hulk, Capitão América – e pulei a Turma da Mônica e os personagens da Disney, que são os quadrinhos tradicionais para crianças no Brasil. Por algum motivo, meus pais quiseram criar o filho com os super-heróis, mesmo que não fossem leitores de nenhum tipo de HQ.

Eu lia todos os quadrinhos desse gênero quando criança. Na adolescência, descobri quadrinhos adultos, com propostas mais sérias ou sofisticadas (*Watchmen*, *Sandman*, *Moonshadow*), anos depois do lançamento original no Brasil. *Desvendando os Quadrinhos*, de Scott McCloud, teve um impacto muito forte sobre mim, porque apresentava uma forma de pensar a linguagem dos quadrinhos em si como algo autônomo e repleto de possibilidades. Li por volta dos meus 15 anos. Foi esse o livro que também me fez pensar sobre o que é uma teoria, o que é comunicação, e que acabou me colocando na rota da faculdade de Comunicação Social. Me formei em Publicidade & Propaganda e Jornalismo, com uma breve passagem (não concluída) por Design Gráfico.

Durante a faculdade, fiz minhas primeiras incursões no jornalismo como *freelancer*. Participei da criação de um *website* de cultura *pop*, o *Omelete*, no qual eu escrevia notícias e resenhas de quadrinhos. O envolvimento como repórter do *website* levou ao contato com editoras e convites para consultorias. E no fim transformei esses convites em testes para tradução e virei tradutor.

Como o trabalho que você faz como tradutor de quadrinhos influencia a sua relação de leitor com esses mesmos quadrinhos?

Tem um aspecto curioso e que percebo, de uns anos para cá, que é o de que eu presto pouca atenção às imagens quando estou apenas lendo. A tradução de quadrinhos é a

¹ www.ericcoassis.com.br

tradução das ocorrências de texto – balões, recordatórios, onomatopeias –, por isso meu olho fica pulando de ocorrência em ocorrência e passa por cima das imagens.

É evidente que, na tradução, eu preciso observar a relação entre textos e imagens, mas o olho está mais focado em procurar (e traduzir) essas ocorrências de texto. Quando traduzo, faço revisões – ou seja, mais leituras –, e essa relação fica mais clara a cada leitura. Quando estou apenas lendo, *não* para traduzir, acabo focado em pular de um balão a outro. Em resumo: não dou a devida atenção à narrativa visual e leio a HQ mais rápido do que devia.

Como sigo trabalhando como jornalista da área de quadrinhos, também leio muito para fins profissionais, no mínimo para ficar por dentro do que se passa nos principais mercados de HQ. Essas leituras também me auxiliam a descobrir projetos que posso recomendar a editoras, dos quais eventualmente viro tradutor. Ou seja: há um lado comercial na minha quantidade de leitura.

Ainda tenho gosto genuíno por ler quadrinhos, e por ler em quantidade: tento enveredar por gêneros variados, procedências variadas, vários tipos de quadrinhos, pois acho que posso encontrar a qualidade em qualquer lugar.

Além de quadrinhos, você traduz literatura. Em relação às especificidades da tradução literária e da tradução de quadrinhos, no que se assemelham? No que diferem?

Bom, você sabe que esta resposta daria um livro. Eu já escrevi um artigo sobre esse tema chamado “Especificidades da Tradução de Histórias em Quadrinhos” em 2017. Boa parte do que eu escrevi se mantém, mesmo depois de anos a mais de experiência. Mas há aspectos específicos a cada mídia, a começar pela leitura de cada uma. A literatura pode usar vários recursos, até eventualmente a ilustração, mas é centrada na palavra escrita. Os quadrinhos também podem usar vários recursos, e frequentemente usam a palavra escrita, mas se baseiam na narrativa gráfica, imagética, pictórica, desenhada ou como você quiser chamar.

(Sou contra dizer que os quadrinhos têm ilustrações, pois os desenhos nos quadrinhos não ilustram, e sim narram; em outras palavras, as imagens não estão subordinadas ao texto, e sim o texto está subordinado às imagens. Na literatura ilustrada, o texto é central e as imagens subordinam-se ao texto.)

Na literatura, o personagem entra numa sala de estar e a prosa descreve o tecido das cortinas, a cor do sofá e cada objeto em cima da mesa de centro. Nos quadrinhos, cortinas, sofá e objetos em cima da mesa estão descritos em desenho. O tradutor de HQ não tem ingerência sobre essa descrição se ela não estiver na narração – e geralmente não está, pois não há necessidade de ser redundante com o desenho. O tradutor de HQ, com raríssimas exceções, não tem ingerência alguma sobre o desenho.

A segunda diferença está na decupagem ou “quebras de texto”. O texto em geral tem um fluxo constante na prosa, definido por pontuação e mudança de parágrafos. Nos quadrinhos, o texto é mais fragmentado. Balões e recordatórios tendem a ser curtos, separam os textos em pequenos *strings* que, junto com a decupagem das imagens,

imprimem um ritmo à narrativa. A mesma frase de um personagem pode ser espalhada por vários balões ou por vários quadros, assim como há pausas na narração que têm efeito de sentido. Entender e respeitar esses efeitos faz parte do processo de tradução.

Há outros pontos, como a tendência dos quadrinhos a ter mais diálogos e, portanto, mais coloquialismo do que a literatura. Além disso, também há o que eu já chamei de “indissolubilidade de mancha gráfica”, que é a tendência a respeitar a formatação da página entre HQ de chegada e de partida. E também a importância do *letreirista* no processo de tradução, que costuma ser mais exigido do que um diagramador na literatura.

Em função dessas especificidades, surge ainda outra, fundamental, que é o fato de o tradutor não entregar o fluxo de texto que entrega na literatura, em geral muito similar ao livro que será publicado. O tradutor de HQ entrega uma espécie de roteiro em que elenca traduções de balões, recordatórios, onomatopeias, inscrições de cenário, sendo que tudo isso será aplicado posteriormente à página de HQ pelo letreirista. A tradução da HQ só se concretiza no trabalho conjunto do tradutor somado ao do letreirista (sem esquecer revisores, preparadores, editores e outros que podem se envolver no processo de tradução).

Quais são as dificuldades específicas da tradução de quadrinhos, e o que você diria sobre as características de um bom tradutor de quadrinhos?

Além das dificuldades comuns à literatura – tom, nível de fluidez, caracterização, figuras de linguagem, marcas de estilo etc. –, acredito que as dificuldades específicas estejam no domínio das especificidades mencionadas acima. Quando vejo quadrinhos traduzidos por tradutores acostumados à literatura, não percebo dificuldade em se adequar à decupagem, mas vejo alguma dificuldade em se adequar ao fluxo de diálogos e ao coloquialismo mais frequente dos quadrinhos.

Assim como acredito que um bom tradutor de literatura deve ser um ótimo leitor/intérprete e, se possível, escritor de literatura, um bom tradutor de quadrinhos deve ser um ótimo leitor/intérprete de quadrinhos e, se possível, quadrinista – ou seja, uma pessoa que tenha exercido ou experimentado alguma função nos quadrinhos, seja no roteiro ou nos desenhos. Considero a prática da escrita fundamental, por isso sugiro que o bom tradutor, de qualquer mídia, deve ter colocado a mão na massa na criação de originais, não apenas de traduções. No mais, acho a prática da tradução indispensável para pensar a teoria da tradução.

Na sua produção sobre tradução de quadrinhos, você se ocupa bastante com o papel do letreiramento do texto na língua-alvo. De onde surgiu esse interesse, e que papel ele desempenha no seu trabalho?

Surgiu de uma situação muito pragmática. No começo de carreira, eu era coeditor de um *website* de quadrinhos e, de uma hora para outra, ficamos sem o letreirista que estava no projeto desde o início. Achei que seria fácil substituí-lo, pois pensei que bastava encontrar alguém com domínio dos *softwares* gráficos para aplicar o texto dentro dos balões. Ledo

engano. O letreirista precisa de um conhecimento estético apurado, que envolve conhecimento da linguagem dos quadrinhos, além do domínio do *software* gráfico. Ou seja: é um profissional no mínimo tão especializado, ou quem sabe até mais, que aquele que chamamos de tradutor.

O letreirista faz uma espécie de “tradução visual”, que tem a ver com escolha de fontes – às vezes *criação* de fontes – e disposição do texto nos balões, recordatórios e outras ocorrências linguísticas, sempre atento a como isso se dá na HQ de partida. Enquanto o tradutor tem que conhecer os dois idiomas, o letreirista tem que entender da configuração visual desses idiomas.

Há muitas HQs, como as tradicionais de super-heróis, em que o profissional de letreiramento não é tão exigido – assim como o tradutor não é tão exigido diante de um texto simples –, mas há várias outras em que a estética tipográfica e a composição visual têm uma importância que precisa ser respeitada na tradução, e isso exige adaptações gráficas evidentes no momento em que as letras à disposição – na passagem de um idioma a outro – são outras. Como a tradução de uma HQ não se concretiza sem o letreiramento, escrevi minha tese defendendo a ideia de que o letreirista também é tradutor.

No meu trabalho efetivo, não faço letreiramento e tenho raros contatos com letreiristas. Mas tenho a preocupação de produzir textos que se adequem, principalmente em questão de espaço, ao tamanho dos balões, recordatórios etc. que o letreirista terá para trabalhar. Caso exista alguma composição gráfica específica com as letras, também explico na própria tradução como essa composição pode ser feita com o texto traduzido.

Depois de reunir escritos sobre quadrinhos publicados avulsamente no livro *Balões de pensamento*, um tempo atrás você afirmou ter planos de escrever um livro sobre tradução de quadrinhos. Como anda esse projeto?

Na verdade o livro já foi escrito. Você inclusive colaborou com um texto! Mas eu escrevi o livro e depois me desencantei com o que tinha escrito. Um dia eu quero abrir esse arquivo de novo e refazer. Falta tempo.

Ultimamente, o que tem ocupado a sua cabeça no que diz respeito à tradução de quadrinhos?

Encontrar o tom. Para mim, essa é a meta de qualquer tradução. É mais ou menos como ser ator, o que confirmei com um amigo ator (e também tradutor): cada livro ou HQ tem sua voz, às vezes várias vozes, e dar o caráter a essa voz ou vozes, sempre de olho no caráter que elas têm na língua de partida, devia ser a meta do tradutor – como um ator que busca encontrar a voz do personagem da vez.

Há algum tempo recebi o comentário de um leitor que disse acompanhar minhas traduções e ter encontrado cacoetes meus, como palavras marcantes e repetidas que ele viu em mais de um quadrinho que eu traduzi. Não sei se o comentário foi um elogio ou não, mas eu entendi de forma negativa. Se minhas traduções de autores diferentes estão soando parecidas, eu não estou respeitando o tom de cada autor. Ou estou sendo um ator

que faz a mesma cara para personagens diferentes. É claro que atores têm sempre a mesma cara fazendo o mocinho ou o bandido, e o tradutor que trabalha num livro de ciência política ou numa HQ de ficção científica tem o mesmo léxico. Mas, tal como o ator, eu devia me empenhar para não parecer a mesma pessoa.

Fora isso, o que ocupa a cabeça é pensar o longo prazo da carreira de tradução. Como autônomos, somos mal pagos em relação a outras carreiras e, fundamentalmente, falta perspectiva de ganhos futuros como *royalties*, por mínimos que pudessem ser, ou garantia de continuidade de trabalhos entre uma editora e um profissional. Um sindicato mais forte talvez colaborasse para tradutores ficarem mais tranquilos quanto ao longo prazo da carreira.

E que percepção você tem hoje sobre o papel que desempenha como tradutor de quadrinhos nesse tipo de situação profissional?

Eu me tornei tradutor porque gosto de ler, e a leitura profunda que a tradução exige é o que eu chamo de leitura privilegiada. Metade do que recebo por uma tradução é, na prática, para ler, e ser pago para ler é um privilégio. Mas não acredito naquele ditado “trabalhe no que gosta para nunca mais ter que trabalhar”. Faço o que gosto e é trabalho, sim, com tudo o que você pode associar de negativo a trabalhar. Mas ainda fico muito contente de poder me envolver com qualquer livro, especificamente em dois momentos: aquele em que recebo a proposta de tradução e quando ela está pronta, com meu nome nos créditos. Entre esses dois pontos, não se tem alegria nem tristeza: tem trabalho.

Sobre o autor: Guilherme da Silva Braga é doutor e mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil) e concluiu com distinção um pós-doutoramento na área de tradução literária na Universidade de Coimbra (Portugal). Desde 2005 dedica-se à tradução literária, e nesse período traduziu mais de sessenta volumes de obras clássicas e modernas a partir do inglês, do sueco e do norueguês para as mais prestigiosas editoras brasileiras, assim como dezenas de volumes de histórias em quadrinhos. Em 2016 foi indicado ao Prêmio Jabuti de melhor tradução literária publicada no Brasil.